

QUANDO AS MULHERES ESCREVEM

*Luzilá Gonçalves Ferreira*¹

Literatura escrita por mulheres: são séculos de silêncio, ou quase, nos quais metade da humanidade não chegou a se exprimir, e com isso, certamente, todos perdemos. Um silêncio motivado pela organização da sociedade patriarcal, pela censura dos homens e muita vez pela censura das outras mulheres, pela autocensura. Nos escritos bíblicos, no Islamismo, por exemplo, não encontramos nenhum equivalente feminino de um David, de um Moisés. A fala das profetisas é registrada pela voz masculina e essa linguagem indireta é pálida, lacônica. Na antigüidade grega, logo cedo, o papel que era desempenhado pelas sacerdotisas é apropriado pelos homens. No século VII antes de Cristo, entretanto, existiu uma poetisa chamada Safo que escreveu:

*“Eu tomo a minha lira e digo:
vem agora, minha divina carapaça de tartaruga
torna-se um instrumento falante.”*

A poetisa grega, provavelmente a primeira de que se conservaram textos no mundo ocidental, anuncia aqui o desejo da mulher de falar poeticamente. Eu tomo: eu, sujeito de meus atos; minha lira: eu possuo um instrumento artístico; e digo: eu sou autor de minha fala, responsável pelo que vou enunciar, sou capaz de extrair

1 . Professora da UFPE, ensaísta, Romancista, tem dois romances premiados com prêmios nacionais como o da Academia Brasileira de Letras e o Nestlé de Literatura, com *Os Rios Turvos* e *Muito além do corpo*, respectivamente. Tem ao todo 13 livros publicados. Pesquisadora, é membro do quadro permanente do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco.

algo belo de um objeto inanimado. O adjetivo divina, que Safo utiliza, nos remete ao caráter sacro e misterioso da criação artística: seu criador é um demiurgo, ser capaz de inventar mundos, de fazer surgir a beleza onde ela não existia antes.

Mas as Safo são raras no começo da História Literária, o que se explica: durante séculos da humanidade a instrução foi negada às mulheres e até recentemente, entre nós, algumas de nossas avós não iam às escolas. A história das mulheres, nós o sabemos, é uma história de imemorial repressão e passa-se sobretudo no silêncio dos lares, nas cozinhas, nas alcovas, desde que, como o lembra Engels, ela perdeu sua primeira batalha: quando aceitou permanecer na caverna com as crianças, em vez de continuar saindo à caça, com os homens.

As transformações pelas quais passou a humanidade em sua trajetória espiritual e econômica mudou muito pouco para a maioria das mulheres. São, pois, séculos de silêncio e de submissão. No islamismo, o acesso à Mesquita lhe é negado. No Judaísmo, ela não pode penetrar no templo, em certos dias do mês. No Cristianismo, apesar da importância dada à mulher por Cristo, ao fazer dela o primeiro testemunho de sua ressurreição, a palavra misógina do apóstolo Paulo chegou até nossos dias: *“Que a mulher esteja em silêncio... não permito entretanto que a mulher fale”*.

A imposição do silêncio feminino pode provir também da autocensura. Dois exemplos: o de Marie Meudrac e o de Pórcia Constância de Mello. Marie Meudrac, francesa, escreveu em 1666 um livro de ciência, Química caritativa e fácil em benefício das mulheres (remédios e cosméticos), ao que parece uma obra de alto valor científico para a época. Ela hesita, entretanto em publicar:

“Mas se eu tinha razão para o publicar, também tinha outras para ocultá-lo e não o expor à censura geral. Nesse combate, fiquei indecisa por dois anos. A objeção que fazia a mim mesma era de que ensinar não é profissão para uma mulher, que ela deve permanecer calada, escutar e aprender sem demonstrar o que sabe, que publicar uma obra está acima de sua condição; que

habitualmente isso não contribui à sua boa reputação, porque os homens desprezam e desaprovam sempre o produto do intelecto feminino... mas, por outro lado, eu estava persuadida de não ser a primeira mulher a publicar alguma obra; que as mentes não têm sexo, e que se as das mulheres fossem cultivadas como as dos homens e que se empregassem tanto tempo e dinheiro para instruí-las, poderiam se igualar a eles.”

Ouçamos agora dona Pórcia C. de Mello, que em fins do século passado era proprietária de uma Tipografia no Recife. Ela dirigiu um jornal intitulado *A Rosa*, que teve a duração de seis números, em 1890. No editorial do primeiro número ela escreve:

“A Rosa é um pequeno jornal que corajosamente se apresenta, mas envolto no véu do pudor, ante tantos jornais corpulentos e ilustrados. Sendo púbere, pede licença para levar seu óbolo à grande obra da civilização. Sendo instituído e sustentado por senhoras, pede também desculpas de sua ousadia.”

“A Rosa é delicada como a mimosa flor da qual toma o nome, e, toda melindrosa, tem por fito só tratar de matérias amenas e instrutivas.”

“Nada de grande pode prometer, mas, por ser mulher, não deixa de ter direito de tomar a sua devida parte na vida social. Assim, senhores, não vos riais desse arrojo mulheril: desculpai antes suas faltas e animai-as com vossa proteção, para que aumente sua proporção e também concorra com sua pequena contingência para a grande tarefa da emancipação da mulher (...) Procurai fazer com vossa admiração aparecerem e não abafeis a sua inteligência sob a pressão do ridículo, Senhores, como costumais, e não mateis suas aspirações com o desprezo,

não lhe atireis o anátema de pedantes, que tanto horror lhes causa e obriga a retrair-se dolorosamente.”

Um século antes, o filósofo Mallebranche havia escrito:

“As mulheres são intelectualmente inferiores aos homens, uma vez que sua fibra cerebral é mole e delicada, carecendo completamente de dureza, solidez, força e consistência da fibra cerebral masculina. Por isso, não só as matérias abstratas são praticamente incompreensíveis para as mulheres, como também elas só são capazes de considerar os aspectos superficiais dos problemas, faltando completamente à sua imaginação o vigor e a riqueza necessária para penetrar no cerne das coisas.”

Com toda essa carga ideológica a suportar, com as limitações do acesso à instrução e a um lugar na comunidade, além da procriação e criação dos filhos, é surpreendente descobrir-se, na história das literaturas, mulheres escrevendo. Surpreende, por exemplo, a existência de mulheres trovadoras na lírica medieval, e poetisas como Christine de Pisan ou Catherine d’Amboise que escrevem belos versos sobre sua viuvez e solidão. Surpreendente, também, a existência de poetisas no Renascimento, como Pernette du Guillet e Louise Labé, que falam do amor e do corpo. Esta última, inclusive, no prefácio de suas obras, editadas em Lyon, em 1554, assim escreve, dedicando o que escreve não a um homem que a protegesse, como era de praxe, mas a uma mulher, a adolescente Clémence de Bourges:

“Tendo chegado o tempo, senhorita, em que as severas leis dos homens não impedem mais as mulheres de se aplicar às ciências e disciplinas, parece-me que aquelas que têm esta possibilidade, devem empregar esta honesta liberdade que nosso sexo outrora tanto desejou, para as aprender; e mostrar aos homens o mal que nos faziam, ao nos privar do bem e da honra que podiam daí advir. Não posso fazer outra coisa senão rogar às virtuosas damas

que elevem um pouco seus espíritos acima de suas rocas de fiar e de seus fusos”.

E Louise aconselha:

“se alguma de nós chega a isto, de poder colaborar por escrito suas idéias, que o faça cuidadosamente, e não despreze a glória, e se enfeite com ela mais do que com correntes, anéis e roupas suntuosas, que não podemos considerar nossas senão pelo costume. Mas a honra que a ciência nos dará, será inteiramente nossa; e não poderá nos ser tirada nem pela fineza de um ladrão, nem pela força dos inimigos, nem pela passagem do tempo”.

Abandonar as rocas. Tomar a palavra para falar de si, do seu jeito de sentir o mundo, de se posicionar com relação à arte e ao outro, o homem. Essa foi a aposta que fez Louise Labé, que fizeram e fazem outras mulheres depois dela. Mas que não se pense que essa tomada da palavra tenha sido fácil. Enquanto havia poucas mulheres escrevendo, os homens não se preocuparam muito com a questão. Mas, à medida que cresce o número de escritoras, no século passado, a crítica misógina se faz forte. Lembrar Balzac e Alphonse Karr. O primeiro encontrava como única desculpa para a mulher escritora a necessidade econômica. O segundo, escritor e jornalista muito conhecido na França e amplamente citado nos periódicos recifenses do século passado, afirma:

“A mulher que escreve aumenta o número de escritores e diminui o número de mulheres. Atualmente e no mundo inteiro a literatura feminina é importante e numerosa. Mas nossas antepassadas sabem o que lhes custou essa coragem de sair do espaço privado dos lares e se fazer editar, em jornais ou em livros”.

Balzac lembrava que se fazer publicar é se prostituir, é desvendar seus segredos, é vender sua alma.

Um exemplo dessa verdadeira batalha que assumiram as mulheres para escrever e divulgar seus escritos a gente encontra aqui mesmo em nosso Estado: no século XIX, por causa da criação de uma Imprensa, após a chegada da corte ao Brasil, um espaço de publicação se cria e as mulheres vão poder, de vez em quando e muito timidamente, entregar aos jornais um poema, um pequeno conto, uma crônica para serem publicados. E aí elas aparecem, e surgem centenas de poetisas, cronistas, contistas.

Essas recém-chegadas à Literatura escrevem sobre vários temas: a alegria de criar, por exemplo. A alegria de amar e poder dizer este amor. A contemplação amorosa da natureza. E até mesmo de utilizar a palavra poética para cantar assuntos políticos e sociais, como a necessidade da libertação dos escravos, como a Liberdade para todos, como a causa republicana e o repúdio da monarquia. Um exemplo: o de Anna Nogueira, poetisa cearense radicada no Recife, em seu poema Manhã de sol:

*Que formosa manhã! Minh'alma acorda
com vontade de rir. Foi-se a sombria
tristeza que inda há pouco a oprimia
e que ela agora nem sequer recorda.*

*Uma onda de luz enche e transborda
do coração que quase não batia...
volta-me toda a límpida alegria
que faz vibrar a sorridente corda.*

*Que formosa manhã ! além, nos ninhos
alegremente cantam passarinhos'
se expandindo ao clarão que vem da aurora*

*E minha musa, num prazer infindo
se espanteja feliz, cantando e rindo,-
rindo e cantando pelo azul afora.*

Temos aqui a alegria de falar, de cantar, como o teria alguém que durante muito tempo tivesse sido privado disso. O que é fato. Essa

alegria de cantar, que encontramos na poetisa do século XIX é a mesma que canta nossa contemporânea Hilda Hilst, por exemplo:

*“Que se a mim não me deram
Esplêndida beleza
Deram-me a garganta
Esplandecida: a palavra de ouro
A canção imantada
O sumarento gozo de cantar
Iluminada, unvida.”*

Muitas vezes essa poesia feminina canta o amor. Mas esse canto amoroso, como não poderia deixar de ser, é cheio de pudor e quase sempre não ousa dizer abertamente o que sente. Um exemplo disso é o poema seguinte, assinado por Julieta de Aguiar, e publicado na *Gazeta da Tarde*, do Recife, em junho de 1889 e do qual só citaremos algumas estrofes:

*“Se eu te dissesse, que de ti distante
Funda tristeza me perturba a calma,
E aos rudes golpes da cruel ausência,
Mágoa profunda me lacera a alma,

Se eu te dissesse, que por toda parte
Meu pensamento te acompanha os passos,
E nas belezas que natura ostenta
Divisa apenas de teu rosto os traços (...)

Se eu te dissesse na agonia extrema
Amo-te muito, te apertando ao seio,
Sei que sorriras, duvidando ainda
Sei que disseras a zombar- eu creio.”*

Observe-se o emprego sistemático do subjuntivo, tempo da dúvida e da possibilidade: a poetisa nada afirma de concreto, entretanto o amor está declarado.

Há ocasiões em que a poetisa sente a necessidade de se dirigir aos homens, aproveitando a ocasião que lhe é dada, de falar, e lembrar alguns defeitos do sexo masculino. Como, por exemplo, o faz

Thargélia Barreto, num soneto que ela publicou no *Jornal do Domingo*, em 1893:

*“Em vão tentais nos ocultar a chama
Que o vosso peito alastra e que o devora
Nós, as mulheres, fracas muito embora,
Sabemos ler no olhar do homem que ama.*

*“No lábio que agitando-se descora
Traduzimos a frase que se inflama!
E muita vez no gelo se derrama
Fogo que o peito de afeição vigora.*

*“O homem é assim inconsciente
Sempre ostentando aquilo que não sente:
Quando jura um afeto está fingindo;*

*“Quando se diz liberto, está cativo!
Ironia cruel! Por que motivo
Há de o homem viver sempre mentindo?”*

A literatura feminina atual me parece mais otimista que a dos homens, menos culpabilizada. Ela quer ter uma voz, um rosto-e deseja dizer isso - e a alegria de o dizer. Por exemplo, há um poeta francês do século passado, Mallarmé, que escreveu: *“A carne é triste, ai de mim, e eu li todos os livros”*. A escritora canadense Nicole Brossard retoma essa afirmação ao contrário: *“A carne é alegre e eu não li todos os livros”*. E nossa Marly de Oliveira escreve: *“A carne é boa e é preciso louvá-la.”*

A fala feminina atual diz também o corpo e o desejo, libertos da censura a que se determinou a tradição literária com relação às mulheres. Muitas poetisas escrevem poemas em que a autocensura não tem vez, como a nossa Lucila Nogueira:

*Solto as amarras de todos os pássaros / alcândora à deriva de teu nome
perdida de sargaço e maresia / invado a escadaria de teu sono.*

*até que te levantes do silêncio / talássico e mimético gigante
atravessando a sede em minhas pernas / portal de obsessivas caravanas
nadando em minhas súbitas artérias / meu infinito azul, subterrâneo
fúisca em minha febre submersa/ suave e primitivo deus netuno
e então eu grito fogo de santelmo / e a calmaria desce no meu sangue.”*

Essa fala feminina é também um testemunho de presença no mundo, um abrir os olhos à beleza das coisas, à contemplação alegre da natureza. O mundo ao redor de nós continua belo, mesmo quando estamos sofrendo. Deborah Brennan tem um poema em que fala do sentimento de estar perdendo a vida, mas, enquanto isso, as coisas existem e falam e nelas encontramos recompensa:

*“mesmo assim, o agrião floresce verde na horta
as avencas chovem nas grutas de pedras,
E, porque o tempo quer, os pássaros do verão retornam
E as mangas caem, vermelhas, sobre a terra.”*

No seu livro *Falar nunca é neutro*, Luce Irigaray tenta sistematizar essa necessidade e desejo que têm as mulheres de hoje de inserir sua fala no seio da comunidade - por meio da arte ou não. E escreve:

“Elas querem o que ainda não aconteceu, o que aparece, se torna, toma forma sob seus olhos ou mesmo que elas percebem antes de todo olhar (...) Elas querem se apropriar de tudo o que cresce, tudo o que começa a ser, emergindo do caos onde elas buscam o lugar onde se perderam. Elas querem o que ainda não foi fixado (...) o que está por nascer. Elas querem, sem fim nem modelo, o querer suposto de quem caminha no querer-modelo sem modelo”.

Em nossa literatura atual, a fala da mulher perde aquela expressão de vitimização e de revolta contra a opressão, para instalar, em toda tranqüilidade, um território seu, onde não falta o senso de humor. Nosso poeta maior, Carlos Drummond de Andrade, escreveu um poema que começa “Quando nasci, um anjo torto, desses que vivem na sombra, disse: Vai Carlos, ser *gauche* na vida.” Opondo-se a nosso querido poeta, uma poetisa mineira, Adélia Prado, escreve, entre risonha e zombeteira, uma espécie de voz alternativa ao poema de Drummond, que me parece ser um dos caminhos do contraponto feminino à literatura masculina da modernidade, e com o qual concluiremos este artigo:

*“Quando nasci, um anjo esbelto desses que tocam trombeta
anunciou: vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher / esta espécie ainda
envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem/ sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.

Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos / (dor não é amargura).
Minha tristeza não tem pedigree / já a minha vontade de
alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.”*